

OS KOIXOMUNETI E A RELIGIOSIDADE TERENA.

SOUZA, Sandra Cristina de (UEMS)

O Koixomuneti representa a liderança espiritual na aldeia. Silva (1976) afirma que na religião Terena tradicional “doença e morte eram causadas por espíritos. Por outro lado, o êxito na lavoura, nas caçadas, no amor e na guerra podia ser atingido pela obtenção do auxílio dos espíritos.”¹ Como a religiosidade tradicional terena tem sobrevivido a emergência de novas crenças que impactaram o imaginário religioso Terena nos dias atuais? Qual o papel dos Koixomunetis atuais dentro da visão sobre doença e religiosidade nas aldeias Terena hoje? Esta comunicação visa adentrar nesta discussão, buscando refletir sobre o vínculo entre práticas religiosas e doença na comunidade terena hoje.

Aparentemente na cultura Terena atual não há mais lugar para a religiosidade tradicional, haja vista a existência de várias denominações cristãs dentro das aldeias, entretanto entrevistando aqueles hoje chamados “curandeiros” podemos observar o sincretismo presente na religiosidade Terena hoje.

A crença na influência dos espíritos dos mortos no mundo dos vivos ainda está presente, principalmente em relação a saúde e doença das crianças, o que exige por parte de seus pais e parentes muitos cuidados, ainda tomados nos dias de hoje para preservar-lhes a saúde. Caso esses cuidados não sejam tomados somente a ação do curandeiro poderá reverter a influência dos espíritos dos mortos sobre a saúde e vida das crianças, como também de adultos.

Os cuidados com as crianças consistem em vários rituais cotidianos que são seguidos inclusive por vários jovens membros da comunidade Terena. Quando uma criança está brincando, geralmente embaixo de uma árvore, antes de escurecer é necessário esparramar seus brinquedos (caso sejam galhos ou pedras) ou guarda-los (no caso de brinquedos industrializados) e varrer bem o local, retirando qualquer marca de seus pés ou mãos, se isto não for feito a noite o espírito da criança ao sair de seu corpo

¹ Silva, Fernando Altenfelder – *Religião Terena* IN: Schaden, Egon – *Leituras de Etnologia Brasileira*, Cia Editora Nacional, SP, 1976, pág 271

(existe a crença que a noite o espírito das pessoas saem e andam por outros lugares, dando assim lugar aos sonhos) encontra o local onde havia brincado durante o dia, se distrai e “esquece” de voltar para o corpo da criança. A criança acorda então sem seu espírito e fica adoentada. Para que o seu espírito retorne ao seu corpo é necessário que ela tome banho em água aquecida pelo sol e então o espírito lhe retorna ao corpo. As roupas também não devem ser deixadas no varal após escurecer, pois durante a noite o espírito da pessoa ao sair de seu corpo encontra a sua roupa e se confunde pensando ser lá o corpo e então a pessoa ao acordar, também se encontrará enferma. Quando a criança for levada a algum lugar diferente, como em um campo de guavira, ou roça de milho, ou para buscar “guaxuma” para fazer vassoura, as pegadas da criança deverão ser cobertas por pegadas de adultos, para que algum espírito mal não as persiga, enganando depois o seu espírito a noite. Ao voltar desses lugares os pais deverão olhar para trás e chamar várias vezes pelo nome da criança, para que o seu espírito não fique perdido naquele lugar e a criança retorne para casa sem ele, e adoença. Essas crenças demonstram como corpo e espírito precisam estar sempre em conexão e como os espíritos dos mortos (sem corpo, portanto) desequilibram esta harmonia, podendo trazer enfermidades e até morte. Quando aqueles cuidados não eram observados, a pessoa, especialmente as crianças, cujos espíritos são menos experientes em relação aos espíritos dos mortos, havia o perigo de doença, e nesse caso era necessária a atuação do Koixomuneti, cuja atuação não se difere ainda da descrita por Fernando Altenfelder Silva:

“A primeira coisa que o xamã então fazia era determinar a causa da moléstia por meio de adivinhação. Isto ele fazia dançando sozinho a noite toda, com um cabaça cheia de sementes (itaaka) em uma das mãos, e uma vara sagrada (kidpahi) na outra. Durante a dança, cantava, chamando seus espíritos guardiães ou os espíritos de xamãs mortos (ilhakuokovo). Quando os espíritos chegavam, perguntavam ao xamã: “Por que você me chamou?” O xamã respondia: “Chamei-o para contar, e por que esta pessoa está doente e como eu posso cura-la” O espírito ou espíritos então explicavam a causa da moléstia e que remédios deviam ser usados para a cura. O remédio habitual

consistia em raízes ou carnes pulverizadas ou em beberagem fermentada de ervas silvestres.”²

Com a invasão de suas terras por não-índios os Terena utilizaram a adoção da religiosidade do outro como forma de conhecer os códigos do outro para continuar sobrevivendo. Além disso as missões cristãs sempre ofereciam privilégios aos recém convertidos, como acesso a escola e a serviços de transporte e saúde alopática. Isso acabou por gerar um contingente elevado de “evangelizados artificialmente”. Haviam aqueles que realmente aceitavam a fé cristã, mas uma parte da comunidade apenas “aderia” a nova religiosidade plasticamente, mantendo sua crença na religião já consolidada entre o povo. Inclusive a adesão de alguns líderes religiosos a religião cristã provocou uma transposição da autoridade desempenhada pelo koixomuneti na religiosidade tradicional para uma acentuada capacidade de diálogo com o outro devido a sua capacidade de interlocução e liderança entre a comunidade Terena. Inclusive repassada para os descendentes destes koixomuneti.

Dentro da compreensão de que as “beberagens” e utilização de ervas faziam parte das atribuições do koixomuneti, algumas denominações cristãs abominaram toda e qualquer relação entre a cura e a utilização de ervas medicinais, impedindo o acesso destas comunidades a medicamentos inclusive hoje aceitos até por parte da comunidade científica mais cética.

Hoje em dia, uma das dificuldades que os Koixomuneti (ou hoje chamados “curandeiros”) têm é a adesão de adeptos que aceitem a incumbência de continuarem sua obra. Altenfelder relata essa atividade:

“Velhos xamãs selecionavam noviços dentre seus próprios filhos ou, com o consentimento dos pais, entre outras crianças da aldeia. A iniciação dos noviços habitualmente tinha lugar durante a festa anual. Dava-se ao noviço uma pequena serpente, pássaro ou formiga para comer. Durante a noite seguinte, esperava-se que o noviço tivesse um sonho no qual a mãe da serpente, pássaro ou planta aparecia, dando-lhe poder e tronando-se seu espírito guardião. Se o noviço lograsse adquirir poder, o objeto, o objeto através do qual ele o recebera torna-se tabu para ele. Até a festa anual seguinte o noviço continuava com seu treinamento, aprendendo com seu mestre o saber mágico, os cantos e as fórmula. Quando ele era considerado proficiente,

² Op. Cit. , pág. 272

recebia a cabaça mágica (itaaka) durante a festa anual. Era então tido como xamã habilitado.”

A autoridade do koixomuneti se dava pela seu poder de cura, e aquelas pessoas que ele curava lhe ficavam muito gratas.

A importância de nos voltarmos para o estudo da religiosidade se dá segundo Geertz “na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado como fonte de concepções gerais, embora diferentes, do mundo, de si próprio e das relações entre elas – seu modelo da atitude – e de outro, das disposições “mentais” enraizadas, mas nem por isso menos distintas – seu modelo para a atitude. A partir dessas funções culturais fluem, por sua vez, as suas funções social e psicológica.”³

Assim, a religiosidade Terena pode fornecer através de sua liderança, indivíduos que foram cooptados pela religiosidade cristã (em suas várias denominações – católica ou protestantes), bem como para a liderança política dentro de cada aldeia, os capitães, caciques e futuros chefes de posto (função desempenhada por não índios anteriormente).

Vários membros da comunidade terena hoje, das mais variadas religiões cristãs, procuram os serviços dos curandeiros em momentos de doenças ou dificuldades as mais variadas, e alguns deles são inclusive procurados por não-índios para realizar seus rituais, na esperança de cura para o mal “pois se o sofrimento é normalmente muito cruel, embora nem sempre, ele é também considerado moralmente imerecido, pelos menos para o sofredor.”⁴

Assim, podemos perceber que por trás de uma religiosidade prática e plástica, utilizada muitas vezes como forma de sobrevivência diante das dificuldades materiais existentes na inter-relação com o outro dominador, coexistiu uma religiosidade tradicional aliada a idéia da saúde-doença, lembrando-nos a fala de Geertz:

“A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso

³ GEERTZ, Cliford – A interpretação das culturas, Editora LTC, RJ, 1989, pág. 90

⁴ Idem, pág. 77

emocional. Formulado como mana, como Brahma ou como a Santíssima Trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente, como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Não sendo meramente metafísica, a religião também nunca é meramente ética. Concebe-se que a fonte de sua vitalidade moral repousa na fidelidade com que ela expressa a natureza fundamental da realidade. Sente-se que o “deve” poderosamente coercivo cresce a partir de “é” fatural abrangente e, dessa forma, a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana.”

5

Assim, essa religiosidade tradicional, ainda que não levada à prática pelos novos conversos às religiões cristãs, permaneceu nos atos cotidianos de mães e pais terena preocupados com a saúde de seus filhos, colaborando para a continuidade de uma visão de mundo particularizada, com suas crenças tradicionais.

A figura do Koixomuneti e sua importância na comunidade em situações de guerra (atentemos para a vivência diária do Terena em constante conflito silenciosos com os não-índios pelo direito a sua sobrevivência) aparece simbolicamente na dança do bate-pau, realizada sempre, em ocasiões especiais e festivas. Nesta dança, o itaaka marca o ritmo e a figura do koixomuneti aparece como elemento importante na dança. Assim, como afirma Geertz:

“...os significados só podem ser “armazenados” através de símbolos: uma cruz, um crescente ou uma serpente de pluma. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelos menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma com é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele.”⁶

Assim, podemos perceber que apesar de toda influência das religiões cristãs, envolvidas numa cadeia de relações de dominação sócio-política-econômica-cultural, a religiosidade tradicional Terena pode ser transmitida de alguma medida.

⁵ Idem pág. 93

⁶ Idem ág. 93